

UM CONTO DE MISHIMA: “PEÔNIAS”

Tae Suzuki

INTRODUÇÃO

Nascido em 1925, Yukio Mishima (pseudônimo literário de Kimitake Hiraoka) iniciou sua vida literária quando ainda freqüentava a escola secundária, fase em que compôs alguns poemas, pequenos contos e seu primeiro romance-poema *Hanazakari-no Mori*, “Floresta em Flor” publicado em 1944, ano em que ingressou na Universidade. Obras iniciais de grande lirismo revelam o escritor que será publicamente reconhecido com seu romance *Kamen-no Kokuhaku*, “Confissões de uma Máscara”, uma quase auto biografia publicada em 1949, onde o autor trata o despertar para o sexo, confessa suas tendências homossexuais e descobre que elas o acompanharão por toda sua vida.

Embora tenha surgido no cenário literário com uma obra em que trata o homossexualismo com uma honestidade incomum no Japão da época e dele tenha se servido em algumas de suas obras posteriores, Mishima enveredou por outros temas em seus romances: a busca do amor na aridez da vida cotidiana por uma mulher de extrema sensibilidade, o que a leva ao crime (*Ai-no Kawaki*, “Sede de Amor”, 1951); o amor singelo entre um pescador e uma jovem de uma ilha afastada (*Shiosai*, “O Som da Maré”, 1954); a atração de um gago pela imponente beleza do Templo do Pavilhão Dourado (*Kinkakuji*, 1956), o que leva a incendiá-lo como prova de sua liberação e de possibilidade de vida.

A maior força literária está no Mishima romancista mas não menor é a sua projeção como dramaturgo. O fascínio pelas tradições culturais e pela literatura clássica japonesa, fruto de suas leituras de peças de *jôruri* (drama cantado, encenado com marionetes a partir da era Edo: séc. XVII-XIX) absorvidas durante a juventude, se manifesta nas suas novas peças de *kabuki* e versões modernas de peças de *nô*, que foram encenadas com sucesso, em várias partes do Japão.

Mishima não foi, porém, apenas romancista e dramaturgo. Foi, ainda, poeta, contista e ensaísta, facetas em que é, talvez, menos conhecido. A variedade e a profusão de sua produção literária poderiam levá-lo a maneirismos e a formas estereotipadas de expressão. Ele contorna tais perigos pela busca constante de novas idéias e de novas maneiras de expressar. Escritores como ele arriscam-se a perder uma certa uniformidade. Com efeito, seu estilo se torna, por vezes, rebuscado e até prolixo, tendendo ao preciosismo, o que torna a tradução muitas vezes difícil.

No entanto, essa sua característica, aliada à destreza com que descreve o pensamento e o modo de ser da “geração perdida” de pós-guerra, fizeram-no o ídolo da juventude de sua época.

Com a tradução deste conto (*Botan*, 1962), pretendemos apresentar ao público brasileiro, um pouco de sua verve satírica ao tratar o belo associado à morte, sua simpatia pelo irreduzível próprio de quem perseguiu a morte, seu estilo que sustenta a sensação do vazio, a sensação do inefável — algumas das características que fazem de Mishima um grande escritor.

PEÔNIAS

Chegou um amigo inesperado, num momento também inesperado. Veio me convidar para visitar um jardim de peônias. Dizem por aí que este amigo Kusada não tem trabalho nem endereço definidos, que está metido num determinado movimento político, mas nada é certo. De estatura baixa, olhos penetrantes, cheio de humor, é um homem que sabe de tudo.

Saímos de casa às duas horas, baldeamos duas vezes o bonde e pegamos um trem suburbano que eu nunca havia tomado. Era um feriado do início de maio, um dia bem ensolarado.

Defronte à pequena estação onde descemos, já nos aguardava um ônibus com destino a uma cidade portuária de Kanagawa. A estrada era recém asfaltada, muito melhor do que as do centro de Tóquio.

“É uma estrada para o exército. Foi recém construída” foi a seca explicação dada por Kusada, o amigo que sabe de tudo.

Junto à lagoa, à beira da estrada, crianças em piquenique enfileiravam as bundas de suas pequenas calças com as camisas de fora e catavam girinos sem dar a mínima importância aos carros que corriam bem próximo.

O ônibus chegou ao nosso destino. Perto do ponto, havia uma enorme placa indicando o caminho para o jardim das peônias. A estrada tortuosa corria pelos campos cultivados e por causa do avançado da hora, as pessoas

em grupos já tomavam o caminho de volta, forçando-nos, constantemente, a ceder a passagem.

Passamos pelo campo de mudas de beringela. Um dos lados da estrada era um pântano onde podiam ser vistos os girinos a nadar por entre as plantas aquáticas iluminadas pela luz do sol; por toda a parte, ouvia-se o cochar dos sapos nascidos no ano passado. Esta parte estava cercada, servindo de lavadouro para os nabos. Dois lavradores com botas de borracha até os joelhos lavavam os nabos que, depois de limpos, eram amontoados alternadamente sobre uma tábua ao lado.

“Como é erótica a brancura do nabo limpo!”, eu comentei.

“É mesmo” foi a resposta lacônica do Kusada que, como sempre, caminhava apressadamente. Quando ando com ele pela cidade, seus passos são tão rápidos que, por várias vezes, já o perdi de vista dentro da multidão.

Lá onde a estrada subia por uma ladeira, havia um portão em que se lia “Jardim de Peônias Katsuragaoka” Pagamos a entrada e atravessamos o portão. Uma multidão passava, em grupos, pelo jardim de vistosas peônias que se abriu à nossa vista.

Pequenas valetas dividiam o jardim em canteiros menores, cercados por anêmonas, azaléias e íris. As tabuletas junto a cada pé de peônia traziam os nomes pomposos das flores:

Dragão Celeste
Pavilhão Dourado
Árvore Divina
Rainha das Flores
Embriaguês
Passagem das Névoas
Alegria Perene
Dança dos Deuses
Estandarte de Seda
Mundo Prateado

Dragão Celeste é uma enorme flor de cor púrpura aveludada. O rosa claro da Alegria Perene vai se tornando escarlata à medida que se aproxima do miolo. Mas a mais vistosa é Mundo Prateado, com sua enorme flor branca atraindo a atenção dos visitantes, que se ajoelhavam com suas câmeras a postos atrapalhando o trabalho dos pintores que, mais atrás, corriam os carvões sobre o papel.

A maioria das peônias já tinham passado do auge do seu esplendor. As flores fenecidas apresentavam suas pétalas vermelhas enrugadas como se

tivessem sido queimadas pelo fogo, o miolo amarelo murcho e só as folhas secas destacavam suas veias, conservando uma graça escultural. Havia, ainda, arbustos só com folhas, sem as flores; alguns pés com enormes flores brancas caindo pesadamente sobre os galhos tenros recém nascidos, inclusive, um pé enxertado com cerca de 30 cm.

Cruzamos com um grupo de três mulheres que mais pareciam três solteironas, e pude ouvir sua conversa.

“Bem que eu queria um jardim como este.”

“Realmente, só um jardim com este tamanho merece ser chamado de jardim.”

“O meu, então, tenho que arrancar um monte de plantas, de tanto que está congestionado.”

De repente, Kusada bateu em meu ombro, chamando-me a atenção. Olhei para o lado que me apontava.

Um velho pobremente vestido passou lentamente pela gente. Vestia uma camisa listada cheia de remendos, uma calça militar com a bainha estreita e um boné vermelho desbotado. Calçava um *jikatabi*⁽¹⁾ nos pés. De olhos profundos e fulgurantes, barba por fazer onde brilhavam alguns fios brancos, tinha uma forte compleição física. Não dava nenhuma atenção à multidão à sua volta. Parava na frente de cada pé de peônia, às vezes se agachava para contemplá-las, uma a uma, com olhos devoradores.

O velho estava, naquele momento, admirando uma peônia escarlate recém desabrochada, uma flor que se abria inteiramente à espera do fenecimento iminente. As sombras se dobravam de um modo complexo pelo verso e reverso das pétalas, mexendo-se ambiguamente a cada lufada do vento, empurrando-se umas às outras.

Kusada acompanhou o velho com os olhos tão sérios que lhe perguntei baixinho, ao pé do ouvido: “Afiml, quem é esse cara?”

“É o dono deste Jardim. Chama-se Kawamata. Comprou este Jardim há dois anos atrás”, respondeu-me com uma voz baixa e pesada.

Mas ao avistar a barraca no alto da pequena colina, montada na extremidade do Jardim, mudou o tom de voz e disse alegremente: “Tem uma cervejaria ali. Já me enchi de peônias. Vamos tomar um trago?”

Seu capricho me deixou irritado e lhe disse para ir na frente porque ainda não tinha visto nem a metade das flores.

(1) uma espécie de meia forrada com uma sola grossa de borracha, usada como sapato, principalmente, por operários de obras.

Com a ausência deste cicerone tão irrequieto e fatigante, pude apreciar tranqüilamente o resto das peônias.

O Mundo Prateado cedia o branco de suas pétalas ao miolo que quase chegava ao dourado. Cada flor tinha a sua personalidade. A presença dos demais visitantes que paravam ou se agachavam diante das flores atrapalhava minha visão para admirá-las. Mas as peônias cercadas de terra, ao contrário das outras flores em pleno desabrochar, imprimiam uma terrível sensação de solidão com suas pesadas sombras refletidas sobre a terra escura. Pairava uma impressão geral de tristeza e de solidão. As peônias majestosamente abertas pareciam ainda maiores pelo contraste com os arbustos que eram baixos mas, mesmo elas, apresentavam uma crueza repugnante como se tivessem nascido diretamente da terra molhada pela chuva do dia anterior.

Dobrei uma curva. Os canteiros se seguiam na distância, passavam pela barraca de cervejas e eram só peônias até o sopé da montanha ao fundo.

Senti sede e, cedendo à decisão há pouco tomada, comecei a subir os degraus que levavam ao alto da colina. Sob o extravagante guarda-sol de praia no canto da barraca, Kusada tomava seu copo de cerveja e me chamou acenando as mãos.

Esvaziamos duas garrafas em poucos minutos. Kusada enxugou com seu braço peludo a espuma que ficou no canto da boca e disse:

“Sabe quantos pés de peônia tem este Jardim?”

“Sei lá, devem ser muitos.”

Desviei a vista para o Jardim que começava a ser violado pela luz do entardecer. Ainda havia muitos visitantes com suas famílias. A lente da câmera recebeu a luz inclinada do dia e reluziu sobre o peito de um deles.

“Tem 580 pés.”

“Como você sabe de tudo!”, retruquei sem me assustar, acostumado que estou com seu conhecimento enciclopédico.

Foi nesse momento que o velho com quem havíamos cruzado cortou bem o meio do Jardim, com passos titubeantes. Parou novamente diante de uma peônia, cruzou os braços nas costas e, imóvel, ficou contemplando sua face.

“Não sei se diria 580 pés ou 580 pessoas”, disse Kusada repentinamente. Aturdido, olhei para seu rosto. E ele continuou:

“Aquele velho Kawamata é o famoso General Kawamata. Você também o conhece. É o homem acusado de ser o responsável pelo morticínio de

Nanquim⁽²⁾. Sabe-se lá onde se escondeu mas conseguiu escapar da corte marcial. Só reapareceu quando não havia mais perigo e comprou este Jardim. Na acusação, consta que seu crime atinge milhares de vítimas mas dizem que, na verdade, o número de pessoas que o General matou com suas próprias mãos e com prazer, não passa de 580. E veja você, são todas mulheres. Depois que comprou este Jardim, Kawamata limitou, rigorosamente, em 580 o número de peônias. Cuidou pessoalmente de cada planta e chegou a essa beleza que você vê. Mas o que acha que pode significar um *hobby* tão estranho? Pensei em várias hipóteses e cheguei mais ou menos à seguinte conclusão. O cara queria camuflar a homenagem ao mal por ele próprio praticado. Talvez tenha conseguido glorificar seu inesquecível crime através do desejo mais profundo dos homens que cometem o mal, através do meio mais seguro que existe no mundo.”

(2) incidente ocorrido durante a Guerra Sino-japonesa (1937-1945), quando o exército japonês atacou Nanquim e cometeu atrocidades contra os civis, sob o pretexto de haver soldados chineses disfarçados de civis, provocando a morte de cerca de 40.000 pessoas, a maioria mulheres e crianças.